

Solaris ou a impossibilidade do fim

Solaris consiste num ciclo de dez exposições da autoria de Rodrigo Vilhena, apresentadas entre 2004 e 2009 em vários espaços de Lisboa e em Londres¹. Este ciclo expositivo, como o artista o definiu, centrou-se "no próprio processo de trabalho e na busca incessante da reconfiguração de fronteiras".

O título que unifica as dez exposições - Solaris - foi retirado do romance de ficção científica com o mesmo nome, de Stanislaw Lem, que trata de uma expedição científica a um planeta constituído na quase totalidade por um oceano orgânico, vivo e inteligente, conhecido há largos anos pela ciência humana mas cujas tentativas de interpretação e comunicação se revelaram sempre um fracasso.

O ponto de incidência entre o romance e o ciclo de exposições reside nesta parábola: não se trata de ajuizar sobre o fracasso de comunicação entre a espécie humana e um ser extraterrestre mas sim sobre a dicotomia presente no ser humano entre o fracasso constante de se auto-conhecer e a insistência constante em procurar fazê-lo.

Solaris, o ciclo de exposições, não segue por isso o enredo literário, apesar de absorver alguns dos conceitos aí existentes. Mas segue o mesmo percurso, a busca pelo conhecimento e interpretação de determinada "coisa" - no romance, o planeta e o oceano que o cobre; nas exposições, a evolução de um percurso que é individual mas que se faz colectivamente - para no fim chegar à mesma conclusão: a de que não há conclusões estanques, muito embora isso não deixe de intensificar uma incessante busca para as alcançar. Nessa busca é preciso ensaiar caminhos, interrogar os processos e, no caso de Rodrigo Vilhena, absorver e pensar determinado conteúdo temático revelando de uma forma dinâmica os percursos, influências, pesquisas e orientações, através da inclusão das mesmas nas exposições que realiza.

Exposição dinâmica porque o conceito não é aqui entendido como uma forma de apresentação estática e sim como a constituição de vários momentos, alguns fugazes, nem sempre registáveis e onde se vai assistindo à própria evolução do trabalho no seio da exposição. A disposição escolhida inicialmente vai sendo alterada e os elementos de uma exposição vão transitando para as restantes em novos registos ou enquadramentos. Trata-se portanto mais de um diálogo do que de uma exposição.

Cristina Pratas Cruzeiro

Ciclo de Exposições 2004-2009:

Solaris I - II, Rua de Timor 14-A, Lisboa

Solaris III, Shop 85 Brixton Village Market, Londres

Solaris IV, The Lord High Admiral, Londres

Solaris V: A Origem do Mundo, Ex-Fábrica Nacional de Óptica, Lisboa

Solaris VI: Gaia, Galeria São Bento, Lisboa

Solaris VII: Beta Pictoris, Travessa Convento de Jesus, nº 12-A, Lisboa

Solaris VIII - XIX, Travessa Convento de Jesus, nº 10, Lisboa

Solaris X